

POEMAS

*de Antonio Moura*

A urina perde-se no mar, esquecida

O mar e o céu, o mar e o seu  
eterno rancor contra a carne  
sem escudos

- crivada de setas -

A cada vento movendo a data  
moendo as noites, as sete chagas  
do calendário seteno

de mais uma semana a ir  
manar-se à morte  
ante o  
mar:

o sempre insone

que agora invocas  
para ter como resposta  
o monstruoso rosnado  
( multilhões de aqua-

leões verdejubados)

e aí calar

( ondas ao peito) só  
suspeitando se

algo ou al  
guém – quem?

O forja

*Dez, 1996*

## Musa

È no par de mãos  
que sob escombros  
trabalham o desprezo  
que lhes o tempo  
È na boca, onde pássaros  
desovam em silêncio  
È nos olhos – queimando  
È no corpo, estendido á intempérie  
de desertos cobertos de sóis sujos

É  
na carne – poesia – que tua angra  
de granito  
se inunda – Um navio com suas luzes  
afundando em água noturna

*Hong Kong & outros poemas, 1999*

## Tramas

O tempo e o espaço tecem  
tramas simultâneas em horas

e lugares que totalmente des  
conheces – e o ser, ignorante,

enquanto em sua própria trama  
também se enreda, sem suspeitar

do que lhe espera, ao encontro de  
uma delas vai, comédia ou tragédia,

conforme a teia que o fio do seu  
tear, em torno da graça ou da dês

graça, entreteceu – lágrima  
de Pierrô no leito de pedra

ou riso de Arlequim vibrando no ar,  
depende do papel que escolheu

durante este drama representar

*Rio Silêncio, 2004*

## La maison de Victor Hugo

Olhos abertos *sur la Place des Vogès*  
as janelas desta casa deixam entrever

um vai-  
e-vem  
de sonhos  
idos

rostos desaparecidos na multidão dos dias  
que por aqui passaram em luta e riso

A casa-quasímodo, a casa quase  
corCunda ao peso dos veludos e dos anos

Sob o papel ornamentado as paredes têm ouvidos,  
para escutar *les voix intérieures*

e dos miseráveis  
os gritos

*A sombra da ausência, 2009*

## Poema para ler ao andar com cuidado

Você que agora caminha por este poema,  
não está ouvindo, além do som das sílabas,

o som de sinistros passos ecoando secos  
em seu calçado, como que para encarcerá-lo,

como que para amordaçá-lo? Não está agora  
presentindo atrás de sua própria sombra

uma outra sombra, que, aos poucos, se agiganta  
querendo, de forma réptil, cobrir tudo, todos,

com sua escura manta? Não está sentindo,  
agora, fazer ninho em seus ouvidos a gralha

a rasga-mortalha da histérica pregação,  
que busca ensurdecê-lo com seu grasnado

para que ouça, unicamente, a voz intolerante,  
a voz fanática e prepotente do deus demente?

Não está vendo uma venda que, lentamente,  
cai sombria sobre seus olhos, sobre sua mente?

Você que agora caminha por este poema,  
cuidado, aqui perto, no fim da Rua Extrema

a oficina do fascismo fabrica frias algemas.

*Julho, 2015*



[www.revistablecaute.com](http://www.revistablecaute.com) *Novo!*  
[www.facebook.com/revistaBlecaute](https://www.facebook.com/revistaBlecaute)  
[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)  
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)